

A CABEÇA CALVA DE DEUS, DE CORSINO FORTES, O EPOS DE UMA NAÇÃO SOLAR NO COSMOS DA ÉPICA UNIVERSAL

CHRISTINA RAMALHO

Aracaju (Sergipe) – Brasil, ArtNer

Comunicação, Infographics, 2015

534 páginas, ISBN: 978 85 68368 24

O livro de Christina Ramalho constitui um consistente estudo a respeito da permanência do gênero épico na poesia contemporânea, fazendo incidir a sua análise na trilogia *A cabeça calva de Deus* do cabo-verdiano Corsino Fortes. A motivação para pesquisar o épico decorre do tema já tratado no seu doutoramento – “Vozes épicas: história e mito segundo as mulheres” (2004). Como suporte teórico, a autora utilizou dois estudos do semiólogo Anazildo Vasconcelos: *Semiotização literária do discurso* (1984) e *Formação épica da literatura brasileira* (1987), onde ele situa a epopeia como manifestação literária perene através dos tempos, apesar de a pós-modernidade, a globalização e a crise nos gêneros literários aristotélicos tentarem escamoteá-la nas produções contemporâneas. As conceituações de “nação”, “heroísmo” e “identidade cultural” vêm a lume justamente a partir dessas abordagens teóricas.

Ao tratar da escolha de Corsino Fortes, a autora explana o modo como se organizou a obra do autor, a partir dos livros *Pão & fonema* e *Árvore & tambor*, para só depois se juntar na trilogia *A cabeça calva de Deus*. Importa lembrar que o *corpus* de estudo de Christina

Ramalho se concentra em três poemas longos, escritos e publicados em diferentes épocas e unificados em 2001, o que abre um vasto campo de investigação que combina história, mito, literatura, identidade e nacionalismo.

Ramalho disserta sobre os princípios teóricos adotados relacionados à teoria épica do discurso e evidencia a pertinência da manifestação do gênero épico na obra de Corsino Fortes. Logo de início, recorrendo a autores como Bhabha e Barthes, intenta ver em sua formulação crítica a formação do épico no autor cabo-verdiano, pela confluência do local e do universal numa simultaneidade sincrônica.

No primeiro capítulo do livro, a autora versa, de forma geral, sobre a teoria épica do discurso e sobre o seu potencial como instrumento de análise para as epopeias modernas e pós-modernas. Dessa forma, nota-se o primado da “matéria épica” – na fusão de duas dimensões, a real e a mítica – fruto de uma significação mítica do evento histórico, e princípio básico da constituição do épico. Os exemplos fornecidos por Ramalho acerca da “proposição não nomeada”, integrada no primeiro livro, surgem com frequência na épica clássica. Um dos exemplos desse tipo de proposição aparece em *Eneida* (séc. I a. C.), de Virgílio, na qual ocorre uma ênfase na ação heroica, em que o “eu-lírico/narrador”, em primeira pessoa, assumirá uma postura de mudança de perspectiva. Ramalho refere ainda, a este propósito, *Os Lusíadas* de Camões.

Em *A cabeça calva de Deus*, a macroestrutura circular dos poemas encontra correlação circular em sua microestrutura, nos vocábulos e na construção de imagens metafóricas, permitindo uma visão ampliada no campo histórico, geográfico, no dia a dia dos naturais, assim como no processo coletivo. Assim, a proposição em *Pão & fonema* é nomeada em destaque e em forma de poema, basicamente por meio dos componentes simbólicos, que colocam a terra e o povo em foco. Assim, como o tempo, o espaço e o povo se harmonizam, acabam por funcionar como uma espécie de movimento, apoiado pelos “tambores”, processo que permite uma constituição dos elementos básicos da “narrativa da terra” (88). Os elementos simbólicos nomeados pela autora, em *Pão & fonema*, formam o espaço geográfico, as condições de sobrevivência, a cultura, a reflexão sobre o valor cultural a partir do bater dos tambores, os espaços da ilha e dos mares, entre outros.

A proposição destacada em *Árvore & tambor* é nomeada “Proposição e Prólogo” e se divide em três partes, onde aparecem conteúdos de teor simbólico, referencial e metalinguístico. A simbologia da independência, além do plano histórico e referencial indica, no poema, a ideia de uma nação mais independente, portanto, plural, na concepção de Ramalho. No poema, o substantivo “sangue” surge 49 vezes, parecendo aludir ao período de guerra que antecedeu a independência na ilha. Ocorre

a ênfase do plano histórico, com a marcação da figura do herói, que, de uma certa forma, a revigora e reforça o fato histórico de uma pátria que renasce após a batalha.

Como parte de um prólogo, as expectativas em relação ao poema *Árvore & tambor* ligada à parte “De boca concêntrica na roda do sol”, relembram os “episódios à guerra pela independência”; aí se “exalta a bravura dos heróis da guerra”; e se “problematiza o futuro do país” (101), com a esperança no ser humano e na capacidade coletiva de regeneração. O heroísmo dos cabo-verdianos, claramente retomado no poema, ocorre independentemente do gênero ou da idade, pois a recuperação das condições de sobrevivência, assim como o trabalho conjunto que torna possível retomar a esperança na força do povo e, para isso, as transformações necessárias ao desenvolvimento do país.

A segunda parte do poema apresenta a ilha como forma do “velho arbusto”, colocando a ênfase no plano histórico. Ou seja, há uma descrição do que simbolizou a colônia, recuperando a ideia de povo, de união coletiva. Assim, a participação de todos os habitantes, unidos por um ideal de independência e de reconstrução do país, apesar das reflexões em torno da colonização histórica, torna-se imprescindível para a renovação de Cabo Verde. Não se pode esquecer o passado para valorizar o presente, a fim de que uma “nova voz da nação se expresse contundente e coletivamente” (107).

Em *Pedras de sol & substância*, o terceiro livro que integra *A cabeça calva de Deus*, Ramalho reconhece uma “proposição nomeada em destaque e em forma de poema” (116). Na proposição, a personificação do “Oráculo” oferece um enfoque, um centramento no plano maravilhoso, a relação de Cabo Verde com os continentes; remete às origens ancestrais da terra, destaca a importância de alguns artistas da ilha, além do processo de hibridismo cultural do país.

O terceiro capítulo apresenta a invocação épica. Nesta abordagem, Ramalho aponta algumas categorias para estabelecer, em termos de destinatário/a, exemplos da invocação. Usando vários exemplos de outros escritores, a autora indica o processo de fusão entre “poeta” e “poema”, que integra o repertório humano da invocação, e a relação aos elementos da natureza, procurando personificá-los ao máximo. A identidade do povo cabo-verdiano alcança a plenitude com a comunhão simbólica entre pão e poema, inscrita nos versos: “Que resvala/ pela trova/ De tanta voz/ Vozes” (148).

Em *Árvore & tambor* aparece o multireferencial, multipresente e invocação humana. As repetições de referências estão associadas ao humano, na concepção de povo. No entanto, a invocação à natureza se manifesta nos elementos destacados pelo “sol”, “raiz”, “oceanos” e aos frutos do mar. A invocação simbólica está associada aos “tambores” e a metainvocação à “canção”. A figura da mulher também surge como

uma forma de valorizar a participação feminina na construção identitária da nação.

Em *Pedras de sol & substância*, a invocação simbólica ocorre no poema “Rotcha Scribda”, especificamente na imagem da “Rotcha”, que é invocada de modo a permitir uma identidade à terra por ser enigmática e ancestral. De acordo com a invocação humana, o plano da coletividade representado pela “multidão” faz com que ocorra a expansão do poema. O metatextual ou a metainvocação destaca, no próprio poema, a consciência de que é necessária a adesão da multidão para que ele seja concretizado.

No quarto capítulo, a abordagem engloba a “divisão em cantos”, que integra a estrutura formal de uma epopeia. Assim, para a função da divisão em cantos, Ramalho elenca cinco funções: episódico-narrativa, espacial ou geográfica, temática, simbólica e a função híbrida. A divisão em cantos, quanto à nomeação na epopeia, está selecionada em “tradicional, inventiva e inexistente”.

O quinto capítulo apresenta “a importância do plano literário da epopeia” e, nesse contexto, Ramalho registra de que forma se dá o plano literário em *A cabeça calva de Deus*, em que destaca: I - o heroísmo quanto à forma como é inicialmente caracterizado na epopeia (histórico individual; mítico individual; histórico coletivo; histórico híbrido e mítico híbrido); II - O heroísmo quanto ao percurso heroico

(do histórico para o maravilhoso; do maravilhoso para o histórico; alternado; simultâneo e cíclico); III – O heroísmo quanto à ação heroica (feitos bélicos ou políticos; aventureiros; redentores; artísticos; cotidianos; alegóricos e híbridos). (225).

A categoria relevante utilizada por Ramalho para a análise do plano literário é o “reconhecimento do lugar da fala autoral”, ao qual a voz engajada de Corsino Fortes se associa na identificação de um poeta que, por meio da sua vivência na Casa dos Estudantes do Império, favoreceu o entendimento político. Dessa forma, segundo a estudiosa (236), “esse eu-lírico/narrador ora é personagem principal de uma sucessão de eventos, ora é espectador e valorizador de ações alheias, ora é vaticinador, ora é revisor crítico de registros históricos e culturais”. Ou seja, o poeta tem plena consciência do que escreve e para quem escreve, pois é nesta dimensão da escrita que se registra a compatibilidade de uma voz autoral engajada, mas não poesia panfletária.

A partir de uma identidade semântica, a autora formou quatro grupos, selecionando palavras dos poemas de *A cabeça calva de Deus*, que funcionam como signos: o de expressão humano-existencial (olhos, rosto, sangue, homem, mulher, criança, pão milho e povo); o de expressão natural (terra, pedra, ilha, mar, vento, ar, cabra e chuva); o de expressão verbal e artística (palavra, música e tambor) e o de expressão mística (ovo e Deus).

O capítulo seis apresenta o desenvolvimento do “plano histórico na epopeia”, no qual a poesia épica cumpre a missão de destacar o *epos* de uma sociedade. O plano histórico recebe uma atualização quanto às fontes, em *A cabeça calva de Deus*, quando compreende o “explicitamente referenciado e o não explicitamente referenciado”, ou seja, nos três poemas, o plano histórico está organizado por meio de *flashes* ou de recortes, que privilegiam não somente o contexto político, como aspetos da “vida privada”.

No quadro sobre a expressão verbal e artística, Ramalho destaca as manifestações literárias e artísticas do país, e de como a relação do artista cabo-verdiano com a arte provoca uma necessidade de envolver-se também politicamente. Nesse sentido, lembra que “palavra”, “música” e “tambor” formam a tríade que representa a sonoridade de Cabo Verde.

O plano histórico, em *Árvore & tambor*, reforça a retomada dos ideais de reconstrução identitária do país, com a dinâmica de despertar no povo o desejo de mudança. Os nomes de Agostinho Neto e Amílcar Cabral, de modo metonímico, assumem um ideal de libertação. O primeiro, simbolizado pelo indicativo de grande líder da independência do povo angolano, e o segundo, também considerado o “pai” da nacionalidade cabo-verdiana e guineense. Segundo Ramalho, “a presença dos dois heróis, mas que um referente relacionado ao plano histórico é um ponto-chave para

a fusão entre ato e palavra, “sede” simbólica que o poema reconhece na cultura cabo-verdiana (334).

No capítulo sete, Ramalho dedica-se a um estudo denso e complexo em torno do “plano maravilhoso da epopeia”. Nele, a autora cita vários exemplos de epopeias, como *As marinhas* (Neide Archanjo) e *Nordestinados* (Marcus Accily), que exploram o mistério, o desconhecido e a sensibilidade da imaginação. Tais epopeias funcionam de acordo (e em sintonia) com a colaboração do povo, para que o mistério em torno de uma imagem mítica perdure. Os exemplos elencados servem de inspiração à análise do plano maravilhoso em *A cabeça calva de Deus*, que inicia com um caso de fonte mítica híbrida. Esta é construída a partir do somatório de imagens tradicionais da cultura cabo-verdiana, além dos marcos simbólicos, marcados pela figura da Mãe-Terra e a prosperidade de um mundo feminino ancestral.

As imagens míticas da cultura cabo-verdiana são identificadas por meio de um mito “hesperitano ou arsinário”, que estão no prefácio da reedição de *Claridade*, escrito por Manuel Ferreira. O fato inspirador desse mito encontra-se em *Jardim das Hespérides* (1929), de Pedro Monteiro Cardoso. A interpretação baseia-se na manifestação de uma instável insegurança da população referente aos sentimentos da pátria no período da colonização, funcionando como se o mito servisse para compensar a insatisfação da população. A ima-

gem da Atlântida seria a representação do que teria sobrado das ilhas, após a submersão, simbolizando a história original. Ou seja, o mito da Atlântida muitas vezes se confunde ou se mescla com o mito das Hespérides, além de fazer parte da concepção paradisíaca das ilhas. Dessa forma, Ramalho enumera a “imagem mítica da Atlântida, das Hespérides, da Estrela da Manhã, do Jardim das Delícias, dos Campos Elísios, da Pasárgada, de Ntóni e Ntónia como Adão e Eva” (394), que funcionam como referentes mesclados na obra de Corsino Fortes.

Ramalho apresenta os marcos simbólicos cabo-verdianos na obra de Corsino Fortes a partir dos signos anteriormente mesclados, que, na construção mítica de uma identidade, puderam agregar variadas significações. Nesse sentido, a compreensão simbólica dos poemas de Corsino Fortes tem direta relação com a valorização das marcas culturais neles apreendida. Assim, a autora destaca os signos “ilha”, “mar” e “sol” como marcadores do espaço geográfico denominado de “quadro de expressão natural”. A ilha, na simbologia de Cabo Verde, pela terra árida é imprópria para fertilização, simboliza também uma terra que é o centro de tudo, porém necessitada do adubo excessivo para a sua prosperidade.

Neste aspeto, o símbolo máximo estaria voltado para o povo que, para consolidar a sua identidade, torna emblemático o envolvimento da população unida por uma transformação

social e cultural no país. Ou seja, “o chamamento à consciência crítica do cabo-verdiano em relação à sua participação no processo de formação, transformação e perpetuação de sua identidade cultural”, conforme afirma Ramalho (407). A autora conclui suas considerações acerca da simbologia dos marcos simbólicos em *A cabeça calva de Deus*, enfatizando a necessidade de uma superação da população em relação aos males causados pela colonização, um despertar da consciência plena de autoafirmação identitária, da própria existência como cultura e nação.

O estudo intenta reforçar também a ideia das imagens literárias dicotômicas existentes, a separação de gêneros, além da presença da mulher ter sido extremamente limitada nos poemas épicos. Ramalho destaca o fato de que, em muitas sociedades, à mulher foi consignado o espaço privado, tendo poucas participações históricas e políticas.

Em *Pão & fonema*, os signos “terra” (33) e “mulher” (14) aparecem nesta recorrência. Aqui, a imagem da mulher surge como “mãe”, “ilha” e “peregrina”. Nesse sentido, a atuação da mulher é valorizada, pois o seu significado ultrapassa a questão da fecundação para chegar a um plano simbólico e cultural de movimento e atuação ativa no país. Ao tratar de *Árvore & tambor*, os signos referidos aparecem 39 (“terra”) e 25 (“mulher”) vezes. A recuperação do significado da imagem da Terra/Mãe parece indicar a motivação para o *animus* dos habitantes do país, homens

e mulheres que nutrem a possibilidade de mudança dessa terra, rumo à prosperidade. O signo “mulher” terá um especial destaque em *Pedras de sol & substância*, surgindo no épico 38 vezes, enquanto o elemento “terra” aparece 14 vezes. O que ressalta, neste poema, é o fato de que a figura da terra, embora simbolizada pelo campo semântico feminino, ocorre em uma relação de coletividade de um “nós”, que não anuncia um gênero específico, mas a possibilidade de unidade.

O texto de Corsino Fortes parece transgredir o conceito de erotização da mulher transformando-se em processo de sedução para que os habitantes permaneçam na ilha, reforçando a necessidade de pertença e reconstrução do lugar. Nesse sentido, para Ramalho, a épica tradicional que canta a feminilidade e o valor da terra recebe uma atualização na obra de Corsino Fortes.

O último capítulo do livro diz respeito ao heroísmo épico. A autora cita exemplos de outras epopeias, mas concentra a sua análise em *A cabeça calva de Deus*, destacando as várias faces do herói: desde as mulheres que continuaram no país semeando a terra e garantindo a prosperidade da pátria; passando pelas crianças; e pelas figuras ilustres; pelos companheiros de luta, enfim, os que integram o percurso heroico do povo cabo-verdiano. Para essa configuração, a autora fala de heroísmo híbrido histórico. A imagem desses heróis ganha cada vez mais notoriedade ao longo da narrativa épica, pois não somente enfa-

tiza o heroísmo de eventos particulares, como nos casos de Agostinho Neto e Amílcar Cabral, como o do povo em geral. Nesse contexto, a autora distingue dois tipos de heroísmo: heroísmo plural do povo e heroísmo individual, histórico e cultural.

No heroísmo plural do povo, em *A cabeça calva de Deus*, a população surge sob a perspectiva histórica da superação. No entanto, a autora também retrata uma espécie de heroísmo setorizado, que estaria ligado ao papel de homens, mulheres e crianças de Cabo Verde. O signo “povo” estaria então concentrado no valor coletivo desse heroísmo, vislumbrado no registro da capacidade do povo cabo-verdiano de superar as adversidades. Em *Árvore & tambor* os feitos bélicos, políticos e artísticos são dimensionados e são determinantes na elaboração heroica no poema. Não admira por isso que a autora afirme que “o heroísmo em *A cabeça calva de Deus* é, portanto, resultado de uma fusão constante entre personagens, feitos, história e mito, compondo um quadro múltiplo que, em síntese, representa a força coletiva do próprio povo cabo-verdiano”.

Tais reflexões servem como elementos motivadores para a análise da obra de Corsino Fortes, que, nas representações de “terra” e “pátria”, retrata as figuras femininas que cumprem a função da imobilidade e permanecem na ilha, numa preservação da identidade. Além disso, são figuras simbolizadas pela terra que se aproximam da imagem de Deus. No plano histórico, a diáspora

passa a ser representativa da “nação”. Para Ramalho, “a imagem do Deus submerso, gerada pelo título, confere dupla identidade a essa terra”: por um lado, “é feminina pela tradição da imagem mítica Terra-Mãe”; por outro, “é masculina pela alusão à cabeça de Deus, um elemento geográfico na representação das ilhas de que se compõem o país”.

Com efeito, o estudo de Cristina Ramalho traz à cena a discussão acerca de temas, motivos e gêneros da tópica clássica. O argumento de que os moldes e as estratégias tradicionais estão ultrapassados cai por terra diante de textos como o de Corsino Fortes, aqui apresentado, ou o do épico *Latinomérica*, do poeta pernambucano Marcus Aciolly. Em tempos de escassez de heróis ou de uma heroicidade transitória, a poetização do cotidiano e a epicização do homem na aventura da modernidade ainda vive sob a sombra de Ulisses.

Rosilda Alves Bezerra

**PENSANDO ÁFRICA: LITERATURA,
ARTE, CULTURA E ENSINO**

**Carmen Lucia Secco, Maria Teresa
Salgado e Sílvio Renato Jorge (orgs.)
Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca
Nacional, 2010
255 páginas, ISBN: 8533305974**

As literaturas africanas de língua portuguesa têm conquistado cada vez mais espaço, tanto no meio acadêmico quanto no meio editorial no Brasil. O